

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

**A ARQUITETURA COMO EXPRESSÃO DE CIDADES EDUCADORAS E
POSSIBILIDADE DE INSTRUMENTO PARADIDÁTICO¹
ARCHITECTURE AS EXPRESSION OF EDUCATIONAL CITIES AND
POSSIBILITY OF PARADIDATIC INSTRUMENTS**

Jandha Telles Reis Vieira Müller², Helena Copetti Callai³

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido junto ao Grupo de Investigação Ensino e Metodologias em Geografia e Ciências Sociais da UNIJUI.

² Aluna do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UNIJUI, bolsista PIBIC/CNPq, jandha_telles@hotmail.com

³ Orientadora. Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo. Professora Titular no DHE - Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUI, Pesquisadora CNPq Nível 1D, copetti.callai@gmail.com

INTRODUÇÃO

Como é possível produzir material didático pensando a formação cidadã a partir da arquitetura? Esta questão desdobra-se na reflexão proposta neste texto. A motivação demonstrada aqui é a de educar para formação cidadã, e neste sentido, assume-se o compromisso social, como detentores de um saber -ligado à arquitetura e urbanismo-, com o objetivo de, por meio de produção didático-pedagógico, oportunizar elementos para uma educação com intuito de formação cidadã.

Observa-se que arquitetura por si só pode promover cidadania em seus traçados e desenhos urbanísticos, de forma não falada, por meio da acessibilidade, da sustentabilidade, da criação de espaços públicos, das intervenções urbanas, sejam elas temporárias, efêmeras ou permanentes. A reflexão sobre cidadania por meio da arquitetura pode acontecer também especificamente pela ótica do patrimônio construído, já que está diretamente ligada à memória da cidade e assim se relaciona com os sentimentos de identidade e pertencimento dos cidadãos, instigando assim a sensibilidade para a preservação.

Há ainda o pensamento sobre a arquitetura como cenário ou propriamente possibilidade de material paradidático, podendo ser trabalhada tanto em ambientes informais como formais de ensino, permitindo a partir de sua existência e conhecimentos atrelados a hermenêutica de toda sua trajetória e significados. Neste sentido, a arquitetura se constituiria num processo educativo amplo, no qual permite educar o olhar do sujeito para o entendimento das relações espaço-tempo-homem.

A partir da compreensão de que a arquitetura e o urbanismo estão diretamente vinculados na relação da cidade, determinada entre espaço e sociedade, observa-se um potencial papel para estas áreas: o de agentes educadores. Diante do complexo sistema que é a cidade e dos diversos aspectos que envolvem o espaço e seus habitantes, o presente estudo tem por objetivo refletir sobre como a arquitetura e o urbanismo, em suas várias dimensões, podem se constituir como

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

possibilidade de instrumentos paradigmáticos e contribuir para a formação cidadã.

METODOLOGIA

Para as reflexões deste artigo foi realizado um levantamento bibliográfico, com base em publicações de autores da área da Arquitetura e Urbanismo (LEMOS, 2010), (ROLNIK, 1995), da área de educação (SAVATER, 2000) e de história (FUNARI E PELEGRINI, 2006). O presente estudo também utilizou o documento da Rede Brasileira de Cidades Educadoras - Carta das Cidades Educadoras - para aportar a temática aqui proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao pensar a arquitetura e o urbanismo do ponto de vista da educação e como possibilidade de cidadania, torna-se inevitável primeiramente refletir sobre o espaço da cidade e como esta é compreendida. Lencione (2008) define a cidade como aglomeração de forma durável e produto que se insere no âmbito da “relação do homem com o meio”. Segundo Carstens, Fleith, Gonçalves e Sant’anna (1991), a cidade seria muito mais que um conjunto de elementos visuais e palpáveis, constituindo-se de um complexo conjunto de relações estabelecidas no intenso cotidiano da sociedade.

A partir destas afirmações, é possível perceber que as definições de cidade estão atreladas, na maioria das vezes, à palavra “relação”. Não distante desta observação é que Rolnik (1988) afirma que a cidade “nasce com o processo de sedentarização do homem, delimitando uma nova relação homem/natureza”, estabelecendo a fixação e o domínio do seres humanos nestes territórios.

Nesta perspectiva, observa-se o incrível papel da arquitetura e do urbanismo como constituição dos espaços da cidade e representações da sociedade em que nela habita. Conforme Lemos (2014), se a definição arquitetônica for julgada no tempo e no espaço, será possível perceber que as variadas condições culturais sempre determinarão arquiteturas diferentes, “não havendo a possibilidade de repetições ou de identidades absolutas”. Como bem afirma o arquiteto Ludwig Mies van der Rohe, apud Lemos (2014), “Arquitetura é a vontade da época traduzida em espaço”.

A arquitetura, então, não se resume apenas em construção mas é arte, é expressão social, por meio de formas, cores, do pensamento sobre os espaços e planejamento das edificações, a fim de que eles sejam funcionais mas produzam beleza. Ela é a sucessão dos estilos e períodos causados não apenas por motivos extrínsecos ao homem, contidos na própria arte, sobretudo, pelas mudanças intrínsecas na maneira pela qual ele percebe o mundo. E o Urbanismo, como ciência da cidade, encontra sua essência nas relações deste espaço com a sociedade.

Conforme Carstens, Fleith, Gonçalves e Sant’anna (1991), o “espaço” e a “sociedade” são dois elementos sempre presentes em qualquer questão do urbanismo. A ligação entre estes elementos se dá por meio do somatório de formas de relações, classificadas como funcionais (o próprio uso do espaço), sensitivas (percepção sensorial imediata, como aromas, cores, dentre outros) e imaginativas (associadas ao repertório ideológico-cultural).

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

A partir da compreensão de que a arquitetura e o urbanismo estão diretamente vinculados na relação determinada entre espaço e sociedade, observa-se um novo e fundamental papel para estas áreas: o de se tornarem agentes educadores, e ainda, de se constituírem como materiais paradidáticos. Esta afirmação é resultado de uma reflexão inicial deste estudo, contudo embasada em bibliografias que abordam esta temática já há algum tempo. É o caso das cidades educadoras, proposta trazida no primeiro congresso desta temática, nos anos de 1990, em Barcelona, a qual reunia em uma Carta inicial, os princípios essenciais ao impulso educador da cidade, partindo da ideia de que não se podia deixar de se preocupar com o desenvolvimento dos seus habitantes (CENPEC, 2006).

Diante disto, as cidades educadoras tornam-se extensões efetivas do direito fundamental à educação, fundindo-se a etapa educativa formal à vida adulta. Conforme Savater (2000), o processo educacional pode ser informal (ensinamentos de forma geral), ou formal, realizado pela escola ou grupo de pessoas especializadas. A educação é o modo que permite a humanização do indivíduo.

certeza trazida por Savater (2000, p.39) é de que “o homem o é através do aprendizado”, sendo a cultura um importante acrescentador à formação dos seres humanos, mas a efetividade de ser humano é gerada por meio da educação, permitindo que o indivíduo exista como possibilidade. E esta prerrogativa se dá a partir da relação social existente no convívio da cidade, com o que o autor chama de “vinculação intersubjetiva com outras consciências” (SVATER, 2000, P.39). Ainda afirma que este convívio implica no protagonismo dos sujeitos em uma mesma história, tornando-a significativa ao longo do tempo.

Pensar a história é permitir salvaguardar a memória de modo a ter o passado por meio da tradição como referência, o presente como o tempo vivido no aqui e agora e o futuro com os reflexos desta vivência. É neste ponto que a Arquitetura se torna instrumento educativo sob a ótica do patrimônio histórico e cultural edificado. De acordo com Funari e Pelegrini (2006), a valorização do patrimônio cultural se constitui um dos fatores importantes na medida em que a história da cidade concebe a síntese da diversidade que a caracteriza, potencializando a identidade coletiva dos cidadãos e promovendo a preservação destes bens.

Sendo a diversidade inerente às cidades atuais, o equilíbrio e a harmonia entre o diverso e a identidade se faz um dos desafios das cidades educadoras, as quais desejam salvaguardar as contribuições e os direitos sociais, a fim de que as comunidades se sintam reconhecidas a partir de sua identidade cultural (CENPEC, 2006). A situação física de uma sociedade, ou seja, a cidade e suas edificações, é mais durável do que ela própria, podendo ser contada mesmo que desaparecida, seja pelas ruínas ou pelo funcionamento do meio urbano (BENEVOLO, 2014). É como Rolnik (1995) também descreve a cidade, equiparando-a à escrita, partindo do princípio de que estes espaços se encarregam de contar a história, em forma de textos que não seriam apagados.

A educação será capaz de despertar este olhar para a cidade e para o patrimônio arquitetônico,

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

utilizando a arquitetura e o urbanismo também como materiais paradidáticos de ensino. A contextualização estilística das edificações e dos espaços com a história geral e de formação da cidade e, ainda, a visitação dos lugares, por meio de roteiros arquitetônicos, constituem-se fortes instrumentos de aprendizagem e de fortalecimento da identidade do sujeito com o meio em que vive. No âmbito formal de ensino, é possível também iniciar a sensibilização da noção espacial e geográfica da cidade por meio de maquetes, desenhos, produção de vídeos, escrita de poemas, contos e demais representações de expressão artística.

Este processo educativo, segundo Copatti e Oliveira (2018), necessita ir além da compreensão superficial da cidade, no que tange suas formas e funções. Para trabalhar a formação cidadã, é necessário educar o olhar do sujeito para a leitura dos significados que advêm das relações do espaço-homem e do homem com os seus semelhantes, pois é socialmente que a cidadania se constrói.

Ainda conforme os autores supracitados, estabelecer trocas e compreendê-las, podem contribuir de forma mais efetiva para a formação cidadã, do que, de modo estático, apenas considerar os direitos e deveres sociais. E neste sentido aparece o papel das cidades educadoras, as quais devem não só garantir os direitos dos cidadãos, tentando promover o princípio de igualdade, de justiça social e de equilíbrio territorial, como também permitir a reflexão sobre os deveres de cada um, tanto no âmbito individual como no coletivo (CADERNOS CENPEC, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante ao exposto, percebe-se que a arquitetura e a organização espacial da cidade com o seu traçado urbanístico podem se tornar agentes educadores pela própria forma como se constituem, contribuindo para a prática dos direitos à cidadania bem como a reflexão à cerca dos deveres cidadãos. A arquitetura também é possibilidade de material educativo se constituindo de instrumento paradidático, auxiliando na compreensão e leitura da cultura local, como é o caso do roteiros arquitetônicos.

Por fim, observa-se a relevância das áreas de arquitetura e urbanismo para além de meras técnicas construtivas. Elas possuem responsabilidade e possibilidades maiores dentro de uma sociedade, vestindo-se de importante papel educador. A educação por meio da arquitetura possibilita a compreensão sociocultural e a construção do sujeito em relação a sua identidade e pertencimento. Quando se conhece, é possível atribuir sentidos.

Palavras-chave: Arquitetura, Cidades educadoras, Material paradidático

Keywords: architecture, educating cities, paradidatic instrument

AGRADECIMENTOS

À agência de fomento CNPq ao apoio financeiro

Evento: XXVII Seminário de Iniciação Científica - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

REFERÊNCIAS

BENEVOLO, Leonardo. A cidade e o arquiteto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 147 p.

CENPEC, Cenpec. Carta das Cidades Educadoras. Cadernos Cenpec | Nova série, v. 1, n. 1, maio 2006. Disponível em: < file:///C:/Users/User/Downloads/165-250-1-SM%20(1).pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

CARSTENS, Frederico R. S. B.; FLEITH, Rossano Lucio; GONÇALVES, Antônio José; SANT'ANNA, Aurélio. O que é urbanismo. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 69 p.

COPATTI, Carina; OLIVEIRA, Tarcísio D. Cidade e Espaço: reflexões numa perspectiva de formação cidadã. In: CALLAI, Helna Copetti. et al. (Orgs.). Cidade para além da forma. Curitiba: CRV, 2018. p.39-49.

FUNARI, Perdo Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A. Patrimônio Histórico e Cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 72 p.

LEMOS, Carlos. A. C. O que é arquitetura. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. 80 p.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1995. 100 p.

SAVATER, Fernando. O valor de educar. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 267 p.